

XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXV ENANCIB

GT 1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação

A COLONIALIDADE DO SABER E O EPISTEMICÍDIO NO ESCONDERIJO DO VERSO: ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DE *OUTSIDERS* NO BRASIL

THE COLONIALITY OF KNOWLEDGE AND EPISTEMICIDE IN THE HIDING PLACE OF VERSE: ANALYSIS OF OUTSIDERS' SCIENTIFIC PRODUCTION IN BRAZIL

Felipe Arthur Cordeiro Alves – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB)

Edivanio Duarte de Souza - Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: no labirinto da academia brasileira, ecoam vozes silenciadas e saberes marginalizados pela lógica opressora da colonialidade do saber. Esta comunicação, oriunda de uma tese de doutorado objetiva analisar elementos da colonialidade do saber, com foco no epistemicídio na produção científica de *outsiders* publicada em periódicos nacionais. Para tanto, a presente pesquisa é caracterizada como descritiva com abordagem qualitativa, buscando “conhecer-com” os sujeitos sob uma perspectiva metodológica não-extrativista. Os *outsiders* que tiveram suas produções analisadas no recorte da pesquisa foram Frederick Wilfrid Lancaster, Tefko Saracevic, LaVahn Marie Overmyer, Bert Roy Boyce, Jack Mills e Douglas John Foskett. O levantamento documental foi realizado nos sites das revistas Ciência da Informação, Revista da Escola de Biblioteconomia e Revista de Biblioteconomia de Brasília. Como resultado, obtiveram-se 14 produções, publicadas entre 1972 e 1995, que foram analisadas buscando elementos da colonialidade do saber, especialmente o epistemicídio. Os resultados evidenciam os primeiros epistemicídios do campo praticados por pesquisadores estrangeiros e o legado epistemicida por eles deixado. Considera-se a necessidade de discutir o epistemicídio no domínio da Ciência da Informação de modo contínuo e em estado permanente de vigilância epistêmica, devido à sua capacidade de fragmentar e de dispersar saberes do campo. A conjuntura epistêmica contemporânea exige que esse campo conceda a mesma importância aos conhecimentos silenciados que concede aos indicadores métricos de produção científica.

Palavras-chave: Ciência da Informação; colonialidade do saber; epistemicídio.

Abstract: in the labyrinth of Brazilian academia, silenced voices and knowledge marginalized by the oppressive logic of the coloniality of knowledge echo. This communication, originating from a doctoral thesis, aims to analyze elements of the coloniality of knowledge, focusing on epistemicide in the scientific production of outsiders published in national journals. To this end, this research is characterized as descriptive with a qualitative approach, seeking to “get to know-with” the subjects from a non-extractive methodological perspective. The outsiders whose productions were analyzed in the research were Frederick Wilfrid Lancaster, Tefko Saracevic, LaVahn Marie Overmyer, Bert Roy Boyce, Jack Mills and Douglas John Foskett. The documentary survey was carried out on the websites of the journals Ciência da Informação, Revista da Escola de Biblioteconomia and Revista de Biblioteconomia de Brasília. As a result, 14 productions were obtained, published between 1972 and 1995, which were analyzed looking for elements of the coloniality of knowledge, especially epistemicide. The results highlight the first epistemicides in the field carried out by foreign researchers

and the epistemicidal legacy they left behind. We consider the need to discuss epistemicide in the field of Information Science in a continuous manner and in a permanent state of epistemic vigilance, due to its ability to fragment and disperse knowledge in the field. The contemporary epistemic situation requires this field to grant the same importance to silenced knowledge as it does to metric indicators of scientific production.

Keywords: Information Science; coloniality of knowledge; epistemicide.

1 INTRODUÇÃO

No labirinto da academia brasileira, ecoam vozes silenciadas e saberes marginalizados pela lógica opressora da colonialidade do saber. É importante, portanto, desvendar os rastros do epistemicídio e das ações colonizadoras inscritas na produção científica de intelectuais *outsiders* no Brasil. Estes *outsiders* frequentemente chegam ao país com uma suposta autoridade intelectual para implementar cursos, proferir palestras e abrir conferências. Em muitas situações, são elevados à condição de *munus magister*, ou seja, mestres, enquanto os locais são tratados como “colonos intelectuais”. Ao perscrutar o “esconderijo do verso” dessa produção, é possível iluminar as problemáticas epistemológicas e, especialmente, as fissuras que esses e outros pensadores podem ter provocado no edifício colonial do saber em diversos campos.

É imprescindível reconhecer as assimetrias socioeconômicas, tecnológicas e em outros domínios engendradas pelo colonialismo histórico, que persistem impactando a produção de conhecimento na contemporaneidade. Dussel (2016) complementa essa perspectiva ao argumentar que existem culturas universais assimétricas, que espelham suas condições econômicas, políticas, científicas, tecnológicas e militares. Essas culturas, embora distintas da modernidade europeia, coexistiram com ela e desenvolveram suas próprias maneiras de responder aos desafios por ela impostos.

O colonialismo histórico persiste como colonialidade, a face oculta da modernidade (Mignolo, 2017). Esse processo transformou o mundo policêntrico pré-século XVI em um sistema capitalista e monocêntrico. Além disso, a colonialidade engendrou uma transformação epistemológica ligada ao Renascimento Europeu, que se manifesta nas dimensões interconectadas de poder, de ser e de saber. Isso impacta diretamente a existência dos colonizados, ao impor hierarquias culturais e raciais, e epistemologias eurocêntricas que atingem a própria ontologia do ser (Oliveira; Silva, 2021).

A colonização portuguesa atrasou o desenvolvimento universitário no Brasil em contraste com a Europa e até com a América do Sul espanhola. Enquanto outras regiões já

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

tinham universidades há séculos, o Brasil só formalizou suas instituições de ensino superior no século XX, baseando-se em modelos estrangeiros, inicialmente europeus e depois norte-americanos (Barreto; Filgueiras, 2007; Santos; Cerqueira, 2009; Verhine, 2008). Esse legado colonial criou uma dependência na produção do saber, mantendo a influência de modelos e intelectuais estrangeiros. Essa situação é um sinal claro da colonialidade do saber, uma estrutura de dominação epistêmica que, segundo Silva, Baltar e Lourenço (2018), mantém “estruturas de dominação e dependência internacional” mesmo após o fim da colonização.

Conforme Grosfoguel (2008), a modernidade europeia impactou todas as culturas, tornando-se um sistema inescapável. Alves, Andrade e Souza (2023) argumentam que as ciências brasileiras, incluindo a Ciência da Informação, foram profundamente influenciadas por essa realidade. Um dos efeitos diretos é o silenciamento de saberes, especialmente aqueles produzidos por grupos historicamente subalternizados, como indígenas, afrodescendentes e mulheres. Desconstruir o epistemicídio no campo científico é crucial para promover o protagonismo desses sujeitos, pois uma ciência que perpetua essa violência torna-se incompleta e desconectada da realidade.

Sem embargo, é vital reconhecer que, dentro da complexa teia de relações da América Latina e do Caribe, marcada por espoliações sistemáticas, o Brasil emerge como uma potência regional na Ciência da Informação, sendo o país onde surgiu o primeiro curso da área no continente (Oddone, 2006). É imperativo, portanto, reconhecer o *lócus* de enunciação privilegiado dos cientistas da informação brasileiros em relação aos demais países da região. Ignorar essa condição seria não apenas negligenciar a complexidade histórica local, mas também perpetuar a própria estrutura de poder que se busca analisar.

Este estudo, parte da tese de doutorado de Alves (2025), investiga a influência da colonialidade do saber na Ciência da Informação brasileira, que busca responder se houve silenciamento de saberes por parte de *outsiders* em artigos publicados em periódicos nacionais. Assim, o objetivo desta pesquisa é analisar elementos da colonialidade do saber, com foco no epistemicídio presente na produção científica de *outsiders* publicada em periódicos nacionais. A justificativa deste estudo reside na necessidade de desarticular a colonialidade do saber e o epistemicídio na Ciência da Informação, fenômenos densos, complexos e, persistentemente, perniciosos que demandam debate e combate contínuos.

Para facilitar a compreensão do objeto proposto, este estudo está estruturado em cinco seções, contemplando esta primeira. A segunda seção discute a colonialidade do saber

na ontogênese e na institucionalização da Ciência da Informação. A terceira detalha a metodologia da pesquisa, incluindo a caracterização do estudo, a coleta de dados e a análise dos resultados. Em seguida, a quarta seção apresenta os resultados, descrevendo os estudos, os autores e os periódicos de publicação. Por fim, a quinta seção traz as considerações finais e perspectivas futuras.

2 COLONIALIDADE DO SABER NA ONTOGÊNSE E NA INSTITUCIONALIZAÇÃO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

No intrincado tecido colonial, as categorias analíticas da colonialidade do poder, do ser e do saber não se apresentam como entidades isoladas, mas como dimensões profundamente interconectadas e mutuamente constitutivas. A colonialidade do poder manifesta-se nas relações de dominação que levam à desvalorização ontológica do colonizado, engendrando a colonialidade do ser. Esta, por sua vez, revela-se na negação da plena humanidade do outro, na inferiorização de suas experiências e no aprisionamento de suas subjetividades, o que inevitavelmente impacta e molda a produção e a validação do conhecimento, configurando a colonialidade do saber. É certo, então, que “A colonialidade do conhecimento (tal como a do poder) continua a ser instrumento fundamental para a expansão e o reforço das opressões geradas pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado” (Santos, 2019, p. 27).

No mundo, de modo geral, a Ciência da Informação emerge como campo do conhecimento nessa conjuntura e, portanto, não escapa às estruturas da colonialidade do saber. Apesar de ser um campo relativamente recente em comparação com outras Ciências Sociais Aplicadas, como Direito, Economia, Administração e Comunicação, sua concepção é diretamente influenciada por aquilo que Santos (2009) denomina de "Norte Global", principalmente pelos Estados Unidos da América (EUA) e por alguns países europeus.

Considerando a complexidade de definir uma origem única para a Ciência da Informação, sua emergência é vista como resultado de múltiplos marcos. Pinheiro (2002) aponta que o surgimento da ciência moderna no século XVI impulsionou a comunicação científica, com eventos como a criação do Instituto Internacional de Bibliografia. Para Barreto (2007), Vannevar Bush é um pioneiro devido ao seu artigo de 1945 sobre organização e disseminação da informação. Adicionalmente, a Conferência de Informação Científica de 1948 e periódicos como o *Journal of Documentation* (1945) e o *American Documentation* (1950) também foram cruciais para a emergência da área (Queiroz; Moura, 2015).

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

Na conjuntura de preocupações com o tratamento de informações nos EUA, a primeira Conferência do *Georgia Institute of Technology (Georgia Tech)*, realizada em 1961, em Atlanta, focou nesse tema. Durante o evento, quatro grupos debateram a formação de bibliotecários e cientistas da informação. A partir dessa discussão, o Georgia Tech formou comissões que desenvolveram programas acadêmicos, consolidando a origem acadêmica da área. A segunda conferência, em 1962, reuniu 50 especialistas, incluindo cientistas e bibliotecários pesquisadores (Garcia, 2002).

Pinheiro (2002) aponta o avanço técnico-científico pós-Segunda Guerra Mundial, a crescente necessidade de registro e de disseminação da informação impulsionada pelo desenvolvimento técnico-científico, e o surgimento de tecnologias como o microfilme e o computador como eventos cruciais para a emergência da Ciência da Informação. Souza (2012) reforça essa visão, destacando as transformações científicas e tecnológicas e o aumento da produção técnico-científica em meados do século XX, especialmente nos EUA e em alguns países europeus, como fatores determinantes para a implantação da área. A influência do Norte Global é ainda mais evidente no estudo de Moraes (2002), que revelou uma predominância de autores norte-americanos e europeus entre os pioneiros da área, com uma ausência notável de intelectuais da América do Sul, da África, da Ásia e da Oceania.

É forçoso considerar que a Ciência da Informação surgiu no Norte Global, incorporando valores ocidentalocêntricos e conhecimentos modernos, influenciando centralmente seu desenvolvimento no Brasil. Oddone (2006) destaca que sua emergência nesse país ocorreu em um ambiente com saberes bibliográficos, biblioteconômicos e documentários preexistentes moldando sua concepção. Alves (2025) reforça parcialmente essa ideia, comparando o desenvolvimento da Ciência da Informação no Brasil a partir da Bibliografia e da Documentação com a evolução das universidades a partir de instituições precursoras.

Pinheiro e Loureiro (1995) afirmam que a Ciência da Informação foi introduzida no Brasil em 1970, com o curso de mestrado oferecido pelo então Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), hoje Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict). Nessa mesma linha, Oddone (2006) reforça que, ao abordar a área no país, é impossível não se referir a essa instituição, que estabeleceu o primeiro mestrado da área na América do Sul. Assim como outros cursos de pós-graduação brasileiros da época, este programa inicial teve forte influência estrangeira, principalmente dos EUA e da Grã-Bretanha.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

A visão do mestrado do Ibict, contudo, como o ponto de partida da Ciência da Informação no Brasil é contestada por outros cientistas da informação. Eles argumentam que o processo de implantação do campo no Brasil já havia se iniciado gradualmente nas décadas anteriores. Souza (2011), por exemplo, defende que a Ciência da Informação começou a se estabelecer no país com o desenvolvimento das condições técnico-científicas, impulsionado pela crescente associação entre a Biblioteconomia tradicional e a Documentação moderna na década de 1950. Para o autor, o marco teórico-metodológico mais próximo reside no aprimoramento das práticas biblioteconômicas e documentárias em um contexto que demandava e, ao mesmo tempo, privilegiava a Ciência e Tecnologia (C&T).

Alves (2025) argumenta que a compreensão do surgimento da Ciência da Informação exige analisar sua ontogênese, destacando a forte influência de atores internacionais no Sul Global. O contexto geopolítico pós-Segunda Guerra Mundial e Guerra Fria, a atuação da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), o modelo desenvolvimentista/neoliberal, o alinhamento Brasil-EUA (regime militar) e as políticas de informação, ciência e tecnologia constituíram uma conjuntura gestacional para a implantação da área no Brasil e na América Latina. A concepção e a implementação da educação nacional com base em modelos estrangeiros e a intervenção direta de *outsiders* também evidenciam a influência da colonialidade na formação da Ciência da Informação brasileira.

Nesse processo de institucionalização da área, no Brasil, Pinheiro e Loureiro (1995) identificaram diversos *outsiders* de reconhecimento internacional que atuaram como docentes e orientadores no mestrado em Ciência da Informação do IBICT, incluindo Frederick Wilfrid Lancaster, Tefko Saracevic e Jack Mills. Até 1981, Lancaster foi o mais ativo, com 34 orientações. Alves (2025) constatou, que as orientações atribuídas a Jack Mills foram compartilhadas com Douglas John Foskett. Assim, esta pesquisa foca nos *outsiders* que, além de ministrarem aulas e/ou proferirem palestras, orientaram pesquisas no programa, quais foram, Frederick Wilfrid Lancaster, Tefko Saracevic, LaVahn Marie Overmyer, Bert Roy Boyce, Jack Mills e Douglas John Foskett.

3 DESENHO TEÓRICO-METODOLÓGICO DA PESQUISA

Esta pesquisa deriva de uma tese de doutorado, que investigou as influências da colonialidade do saber na Ciência da Informação brasileira. Logo, a metodologia aqui utilizada segue o mesmo alinhamento da pesquisa que a embasou. Nesse contexto, este estudo se caracteriza como pesquisa descritiva e adota uma abordagem quantitativa e qualitativa,

buscando “conhecer-com” os sujeitos sob uma perspectiva metodológica não-extrativista (Santos, 2019), arqueológica (Foucault, 2015) e indiciária (Ginzburg, 2007; Rodrigues, 2006), utilizando a imaginação epistemológica (Santos, 2019).

No recorte desta pesquisa, o *corpus* foi composto por 14 artigos dos *outsiders* publicados em três periódicos brasileiros: Ciência da Informação (RCI), do Ibict; Revista da Escola de Biblioteconomia (REB), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); e Revista de Biblioteconomia de Brasília (RBB), da Universidade de Brasília (UnB). O levantamento documental foi realizado nos *sites* das respectivas revistas. Nos processos de coleta, organização e análise dos dados, o autor desse estudo, que, a rigor, corresponde ao sujeito coletivo, pois representa a comunidade de cientistas da informação, se posiciona não apenas como um mero mediador ou observador, mas como um dos sujeitos envolvidos. Com efeito, considera-se que a relação dialógica entre os componentes do sujeito coletivo, observando seus lugares de enunciação privilegiados do ponto de vista observacional, favorece uma análise a partir de uma relação sujeito-sujeito (Santos, 2019).

Esta pesquisa busca promover um diálogo intercultural Norte-Sul por meio de uma análise baseada na relação “sujeito-sujeito” e no princípio de “conhecer-com”, em uma abordagem que procura descolonizar as relações de poder, adotando um modelo horizontal, conforme a perspectiva de Grosfoguel (2008). Além disso, a pesquisa alinha-se ao paradigma da transmodernidade, que promove, conforme Dussel (2016), a transição de culturas pré-modernas que estão em processo de renascimento. Grosfoguel (2016) aponta que a transmodernidade valoriza o diálogo interfilosófico, a diversidade e a colaboração (“muitos decidem com muitos”), em oposição ao modelo impositivo da Modernidade (“um define pelos outros”), como um caminho para valorizar diversas tradições de conhecimento.

4 OS PRIMEIROS EPISTEMICÍDIOS NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO BRASILEIRA

Nos primórdios da Ciência da Informação em terras brasileiras, sob o signo da promessa de disseminar este campo do conhecimento em solo tupiniquim, teceu-se também, nas entrelinhas, a sombra dos primeiros silenciamentos epistêmicos. Como ecos distantes de regiões euro-americanas, modelos teóricos e metodologias aportaram sem o devido encontro com as brasilidades, abafando os sussurros de saberes e de fazeres informacionais que daqui brotavam. A balança pendeu, então, para o brilho das tecnologias e dos sistemas, ofuscando olhares para as tramas sociais, culturais e políticas que vestem a informação em no chão

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

brasileiro. Foi assim, de modo silente, que vozes e conhecimentos dissonantes do paradigma moderno importado começaram a ser silenciados.

Em uma conceituação mais direta, o epistemicídio pode ser tido como “a morte do pensamento” (Pessanha, 2019, p. 169). O autor do conceito, Santos (2019) entende o epistemicídio como a destruição de diversos saberes produzidos nas sociedades e nas sociabilidades locais. Ademais, este fenômeno epistêmico, frequentemente equiparado ao racismo epistêmico, manifesta-se na desqualificação sistemática de saberes não europeus, sinalizando um desenvolvimento científico sob a égide de um hegemonismo epistêmico (Nogueira; Duarte; Ribeiro, 2019).

A raça e o racismo são o ponto central da colonialidade do poder, uma estrutura que Quijano (2002) descreve como uma classificação social hierárquica e global baseada na ideia de “raça”. Essa categorização, que surgiu há 500 anos com o colonialismo, consolidou-se como a forma mais eficaz e duradoura de dominação social. Gomes (2012) complementa essa visão, ressaltando a necessidade de ressignificar o conceito de raça sob uma perspectiva latino-americana que inclua a colonialidade. Segundo Alves (2025), a colonialidade do poder resulta no sequestro do direito de ser e agir de grupos subalternizados, privando-os de suas próprias idiosincrasias.

Nessa dinâmica, manifestam-se a colonialidade do ser, que marca o senso comum e a tradição com dinâmicas de poder discriminatórias (Maldonado-Torres, 2008), e a colonialidade do saber, que impõe um padrão universalizante de produção de conhecimento nas universidades ocidentalizadas. A estrutura do conhecimento moderno, alicerçada em lógicas racistas e sexistas, promove o epistemicídio de saberes populares, indígenas e negros não apenas nas universidades, mas em toda instituição moldada pelos postulados ocidentais (França, 2023).

O Quadro 1, alinhado à metodologia desta pesquisa, resume a produção científica dos *outsiders*, apresentando dados que corroboram o arcabouço teórico até aqui exposto.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

Quadro 1 – Produção científica de *outsiders* em periódicos brasileiros

Título	Periódico	Ano	Autoria
<i>Libraries, technology, and the need to know</i>	Revista Ciência da Informação	1972	LaVahn Marie Overmyer
Teorias dos sistemas gerais e a organização de bibliotecas	Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG	1973a	Douglas John Foskett
Alguns aspectos sociológicos dos sistemas formais de comunicação do conhecimento	Revista de Biblioteconomia de Brasília	1973b	Douglas John Foskett
Curso sobre Ciência da Informação para estudantes de Biblioteconomia	Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG	1974a	Tefko Saracevic
Tecnologia da informação, sistemas de informação e informação como utilidade pública	Revista Ciência da Informação	1974b	Tefko Saracevic
<i>Literature growth and the retrieval system in scholarly communication</i>	Revista Ciência da Informação	1974	Bert Boyce
Ordem e Progresso	Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG	1975	Bert Boyce
Acessibilidade da informação na pesquisa científica em processo	Revista Ciência da Informação	1975	Frederick Wilfrid Lancaster
<i>The information services librarian</i>	Revista Ciência da Informação	1976	Frederick Wilfrid Lancaster
Educação em ciência da informação na década de 1980	Revista Ciência da Informação	1978	Tefko Saracevic
Integrating in librarianship information	Revista Ciência da Informação	1979	Tefko Saracevic
O currículo de Ciência da Informação	Revista de Biblioteconomia de Brasília	1989	Frederick Wilfrid Lancaster
Ameaça ou oportunidade? O futuro dos serviços de biblioteca à luz das inovações tecnológicas	Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG	1994	Frederick Wilfrid Lancaster
A natureza interdisciplinar da ciência da informação	Revista Ciência da Informação	1995	Tefko Saracevic

Fonte: Alves (2025)

A Ciência da Informação, desde seus primórdios, sob forte influência de países como Inglaterra, França, EUA e então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), teve, em maior ou menor medida, a informação científica como foco (Araújo, 2009), em que pesem as diferentes abordagens adotadas, sobretudo, na França e na URSS. É importante considerar, a partir de Paiva e Ramalho (2017), que a produção científica pode ser considerada um bem perene e um indicador de tendências que revela os rumos da área. Assim, os *outsiders* que atuaram na implantação e na institucionalização desse campo científico no Brasil e na América do Sul desempenharam um papel crucial e influências deles perduram até hoje.

Observa-se a seguinte distribuição dos artigos entre as revistas: 8 (oito) na RCI, 4 (quatro) na REB e 2 (dois) na RBB. A preferência pela RCI por parte dos intelectuais estrangeiros pode ser atribuída à sua ligação com o mestrado do Ibict. Um ponto relevante é

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

que a maioria desses autores publicou ao menos 1 (um) artigo nas 3 (três) revistas analisadas, com a exceção de Jack Mills. Entre os intelectuais com maior número de publicações no período da pesquisa, sobressaem-se Tefko Saracevic (cinco artigos), Frederick Wilfrid Lancaster (quatro artigos), Bert Boyce (dois artigos), Douglas John Foskett (dois artigos) e LaVahn Marie Overmyer (um artigo).

Alves (2025) constata que a maioria dos artigos analisados foi publicada em português, com traduções realizadas por cientistas da informação brasileiros, exceto o artigo de Bert Boyce, “Ordem e Progresso”. A escolha desse título nacional pelo autor estrangeiro, sem aprofundamento no contexto local e com referências apenas a autores estrangeiros, demonstra uma desconexão e reforça dinâmicas coloniais de saber. A ausência de diálogo com a produção científica brasileira e a publicação de sínteses de palestras indicam um possível descaso na comunicação com o público local, agravado pela barreira do idioma e pela delegação da tradução aos pesquisadores brasileiros pelo IBBD/Ibict.

Com efeito, é justamente na ausência de diálogo com a produção científica brasileira que está o epistemicídio. Nas prosas, nos versos, nas orações, nos parágrafos e, sobretudo, nas referências dos artigos analisados deste estudo está o esconderijo da colonialidade do saber e dos primeiros epistemicídios na Ciência da Informação brasileira. Ocorre, pois, que nenhum desses estudos faz menção a qualquer pesquisa desenvolvida por pesquisadores brasileiros, embora seus autores estivessem naquele momento em contato direto com a realidade do país e com discentes sob suas respectivas orientações e coorientações.

Silva, Garcez e Silva (2022) discutem como o epistemicídio se manifesta na construção epistêmica e na formação de bibliotecários, gerando injustiças epistêmicas testemunhal, hermenêutica, curricular e participativa. Nesse contexto, os autores defendem a descentralização do paradigma epistemicida para valorizar a pluralidade de saberes, incluindo não apenas o conhecimento acadêmico, mas também os saberes tradicionais. É possível considerar que a Ciência da Informação brasileira também sofreu injustiças em sua própria origem. Ao invés de o campo se desenvolver de forma genuinamente nacional e em diálogo com a rica diversidade étnico-cultural do Brasil, a área perdeu, logo na partida, a oportunidade singular de conciliar o saber acadêmico com o conhecimento de povos tradicionais.

As análises das referências bibliográficas dos estudos do Quadro 1 por Alves (2025) revela uma ausência preocupante de citações a pesquisadores brasileiros - nenhuma entre 106 referências. Essa desconexão entre a produção internacional e a realidade brasileira,

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

mesmo considerando possíveis explicações como normas da época ou fragmentação documental, levanta questionamentos sobre uma possível desconsideração intencional do conhecimento local. Alves (2025) argumenta que os primeiros epistemicídios na Ciência da Informação brasileira foram perpetrados por *outsiders* que, em papéis de liderança acadêmica, negligenciaram a produção nacional, estabelecendo um precedente para outros silenciamentos, inclusive entre pesquisadores brasileiros, configurando uma espécie de "canibalismo epistêmico".

Torna-se evidente, portanto, que o epistemicídio é um processo contínuo de produção de indigência cultural, que vai além da simples anulação do conhecimento de grupos subalternizados. Ele se manifesta por intermédio da negação do acesso à educação e da promoção da inferiorização intelectual, servindo como um instrumento de dominação étnico-racial, que ocorre pela invalidação dos saberes e dos sujeitos produtores de conhecimento de grupos dominados (Carneiro, 2005, 2018).

A ausência de coautoria entre pesquisadores estrangeiros e brasileiros na produção nacional da Ciência da Informação é notável. Embora se esperasse colaboração direta em ensino e pesquisa na implantação da área no Brasil, a falta dessa cooperação pode ter sido influenciada por padrões de exigência científica distintos, barreiras de comunicação ou menor valorização da internacionalização. Contudo, essa lacuna na produção colaborativa contradiz a própria dinâmica de estabelecimento de um novo campo do conhecimento.

O legado epistemicida dos *outsiders* na Ciência da Informação parece perdurar, conforme indicam algumas referências teóricas da área, conforme Almeida, Alves e Silva (2021) argumentam que a identidade do campo no Brasil foi predominantemente moldada por influências norte-americanas e europeias. Na pesquisa, constataram que 75% das referências nas disciplinas de Fundamentos da Ciência da Informação ou correlatas em 16 (dezesseis) programas de pós-graduação brasileiros são de autores estrangeiros, enquanto apenas 25% são de autores nacionais. Os autores observaram uma maior valorização de pesquisadores estrangeiros, mesmo após 50 anos de institucionalização da área no Brasil.

A colonialidade do saber, sustentada pela colonialidade do poder, manifesta-se na tensão entre projetos globais e histórias locais. Na Ciência da Informação brasileira, a implantação da área, a importação de modelos educacionais e de metodologias estrangeiras, e a atuação de *outsiders* ilustram essa dinâmica (Alves, 2025). Dentre os 14 (catorze) artigos analisados, um (Saracevic, 1974) revela a tentativa de aplicar uma metodologia generalista

globalmente. Contudo, Gomes (1974) demonstra uma resistência estudantil a essa proposta. Embora Alves (2025) aponte que a autora brasileira culpe os pesquisadores nacionais por um problema no curso, uma visão válida por sua proximidade com a situação, é importante considerar outra perspectiva. A resistência dos pesquisadores pode ser um reflexo da imposição de metodologias universalistas, uma marca da modernidade e da colonialidade do saber.

A Ciência da Informação no Brasil enfrenta opressões epistêmicas desde sua origem, mas sempre houve uma resistência por parte de seus profissionais. Essa luta pela descolonização do conhecimento tem crescido e se alinhado ao conceito de "ruínas-semente", de Santos (2019). Essas "ruínas-semente" representam as filosofias e práticas de grupos oprimidos que, apesar de subjugadas, se mantêm vivas e nutrem a esperança de um futuro pós-colonial. Esta pesquisa se integra a esse movimento de resistência, plantando mais uma semente nessa luta.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim de mais um estudo acerca do epistemicídio na Ciência da Informação, é possível considerar imprescindível manter um debate constante e vigilante sobre a temática. A capacidade desse fenômeno de fragmentar e de dispersar saberes e valores essenciais do campo exige uma atenção contínua para evitar a perda de perspectivas valiosas. O epistemicídio, sutil e silente, esconde-se nas dobras do saber, tecendo seu silêncio em fios quase invisíveis. Morada oculta nas subjetividades que habitam os versos, os parágrafos e as referências de um estudo, ele se furta ao primeiro olhar, violência epistêmica difícil de ser aferida por seres com escamas coloniais nos olhos. É preciso um sentir mais profundo, observar para além do dito, para pressentir a ausência retumbante que ele planta.

Ao se reconhecer a sutileza do epistemicídio, é possível fortalecer as bases epistemológicas da área e preservar um conhecimento rico e diversificado. Diante do cenário atual, a Ciência da Informação enfrenta o desafio de equilibrar a valorização de seus indicadores métricos com a integração de saberes historicamente silenciados. Adotar essa postura inclusiva não só enriquece o campo, mas também o capacita a oferecer respostas mais abrangentes e socialmente relevantes aos complexos desafios informacionais da contemporaneidade. A atenção aos saberes marginalizados é, portanto, um passo fundamental para construir uma Ciência da Informação mais justa e equitativa.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Vitória Gomes; ALVES, Ermeson Nathan Pereira.; SILVA, Dávila Maria Fonseca da. Territorialização de um epistemicídio. **Revista folha de rosto**, Juazeiro do Norte, v. 7, n. 1, p. 9-27, jan./abr. 2021

ALVES, Felipe Arthur Cordeiro. **A colonialidade do saber na implantação da Ciência da Informação no Brasil**: influências dos outsiders no processo de institucionalização sociocognitiva. 2025. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2025.

ALVES, Felipe Arthur Cordeiro; ANDRADE, Wendia Oliveira de; SOUZA, Edivanio Duarte de. Colonialidade do saber e epistemicídio na Ciência da Informação: descortinando a produção nacional. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 23., 2023, São Cristovão. **Anais [...]**. São Cristovão: ANCIB, 2023.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Correntes teóricas da Ciência da Informação. **Ciência da Informação**, v. 38, n. 3, 2009.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. Uma história da Ciência da Informação. *In*: TOUTAIN, Lídia Maria Batista Brandão (org.). **Para entender a Ciência da Informação**. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 13-34.

BARRETO, Arnaldo Lyrio; FILGUEIRAS, Carlos. Alberto Lombardi. Origens da universidade brasileira, **Química Nova**, v. 30, n. 7, p. 1780-1790, 2007.

CARNEIRO. Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese (Doutorado em educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **Escritos de uma vida**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

DUSSEL, Enrique. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. **Sociedade e Estado**, [S. l.], v. 31, n. 1, p. 51–73, 2016.

GARCIA, Joana Coeli Ribeiro. Conferências do Georgia Institute of Technology e a ciência da informação: “de volta para o futuro”. **Informação & Sociedade: estudos**, João Pessoa, v. 12, n. 1, 2002.

GOMES, Hagar Espanha. Experiência do IBBD em programas de pós-graduação. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 3, n. 1, p. 13- 26, 1974.

GOMES, Nilma Lino. Movimento negro e educação: ressignificando e politizando a raça. **Educ. Soc.**, v. 33, n. 120, p. 727-744, 2012.

GROSFUGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Sociedade e Estado**, [s. l.], v. 31, n. 1, p. 25-49, 2016.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

GROSFUGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, p. 115-147, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

FRANÇA, Isadora Gonçalves. Colonialidade do poder, colonialidade do saber e oligopólios de comunicação de massa. **Revista Ítaca**, n. 39, p. 7-20, 2023.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do ser e a geopolítica do conhecimento: modernidade, império e colonialidade. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, p. 71-114, 2008.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 32, n. 94, p. 1-18, jun. 2017.

MORAES, Alice Ferry. Os pioneiros da Ciência da Informação nos EUA. **Informação & Sociedade: estudos**, João Pessoa, v. 12, n. 2, p. 1-15, 2002.

NOGUERA, Renato; DUARTE, Valter; RIBEIRO, Marcelo dos Santos. Afroperspectividade no ensino de filosofia: possibilidades da Lei 10.639/03 diante do desinteresse e do racismo epistêmico. **O que nos faz pensar**, [s. l.], v. 28, n. 45, p. 434-451, dez. 2019.

ODDONE, Nancy. Lydia de Queiroz Sambaquy e a Ciência da Informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 2005, Florianópolis. **Anais [...]** Florianópolis: ANCIB, 2005.

OLIVEIRA, Gilmar Araújo de; SILVA, Éder da. “Tudo isso é conversa para comer sem trabalhar”: capoeira, resistência decolonial. **Folha de Rostto**, Juazeiro do Norte, v. 7, n. 1, p. 161-176, 16 jun. 2021.

PAIVA, Eliane Bezerra.; RAMALHO, Francisca Arruda. Usuários da informação: a produção científica no periódico ‘Perspectivas em Gestão & Conhecimento’. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 2, n. esp., p. 47-68, 2017.

PESSANHA, Eliseu Amaro de Melo. Do epistemicídio: as estratégias de matar o conhecimento negro africano e afrodiaspórico. **Problemata**, v. 10, n. 2, p. 167-194, 2019.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Gênese da Ciência da Informação ou sinais anunciadores da nova área. *In*: AQUINO, Mirian de Albuquerque (org.). **O campo da Ciência da Informação: gênese, conexões e especificidades**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2002. p. 61-86.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro; LOUREIRO, José Mauro Matheus. Traçados e limites da ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, 1995.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

QUEIROZ, Daniela Gralha de Caneda; MOURA, Ana Maria Mielniczuk de. Ciência da Informação: história, conceitos e características. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 26–42, 2015.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade, poder, globalização e democracia. **Novos Rumos**, ano 17, n. 37, p. 1-25, 2002.

RODRIGUES, Márcia Barros Ferreira. **Exercícios de indiciário**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2006.

SANTOS, Adilson Pereira dos; CERQUEIRA, Eustaquio Amazonas de. Ensino superior: trajetória histórica e políticas recentes. *In*: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GESTÃO UNIVERSITÁRIA, 9., 2009, Florianópolis. **Anais [...]** Florianópolis: [s. n.], 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SARACEVIC, Tefko. Curso sobre Ciência da Informação para estudantes de Biblioteconomia. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, 1974.

SILVA, Fabrício Pereira da; BALTAR, Paula; LOURENÇO, Beatriz. Colonialidade do saber, dependência epistêmica e os limites do conceito de democracia na América Latina. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, [s. l.], v. 12, n. 1, 2018.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; GARCEZ, Dirnéle Carneiro; SILVA, Rubens Alves da. Conhecimento das margens: da injustiça epistêmica à valorização do conhecimento negro em Biblioteconomia e Ciência da Informação. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 27, n. 1, p. 1–19, 2022.

SOUZA, Edivanio Duarte de. **A epistemologia interdisciplinar na Ciência da Informação**: dos indícios aos efeitos de sentido na consolidação do campo disciplinar. 2011. 346f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

SOUZA, Edivanio Duarte de. Institucionalização da Ciência da Informação no Brasil: elementos disciplinadores do campo científico. **Informação & Sociedade**: estudos, João Pessoa, v. 22, p. 49-64, 2012.

VERHINE, Robert Evan. Pós-Graduação no Brasil e nos Estados Unidos: uma análise comparativa. **Educação**, [s. l.], v. 31, n. 2, 2008.

NOTA

Este trabalho foi realizado no escopo das atividades do Projeto “Socialização do Método do Estudo Imanente em Informação”, Chamada CNPq/MCTI Nº 10/2023, sob a supervisão do Professor Doutor Edivanio Duarte de Souza.